



---

**Midiatização e estudos visuais críticos: anotações sobre as  
práticas cotidianas de ver e mostrar<sup>1</sup>**  
**Mediatization and critical visual studies: notes on everyday  
practices of seeing and showing**

João Damasio da Silva Neto

**Palavras-chave:** Midiatização; Circulação; Estudos visuais.

O debate sobre as imagens e o imaginário em uma sociedade atravessada por processos de midiatização situa-se, frequentemente, entre a confiscação das visualidades pelas lógicas do capital e as potencialidades narrativas que emergem na circulação de sentidos.

A primeira posição, cujos termos buscamos em um recente livro de Mondzain (2022, p. 15), nos lembra os grandes diagnósticos proferidos quando se fala em um “mundo dominado pelo regime do espetáculo”. Embora não dissocie essa preocupação, Rosa (2012, p. 14) acredita que a circulação, evidenciada pelos processos de midiatização, “torna a midiatização crucial também para a formação do imaginário”.

Neste trabalho, gostaríamos de tensionar essas ideias que, não sendo realmente opostas, nos direcionam para uma complexificação dos estudos visuais na midiatização. Para isso, abordaremos três questões: 1) Em que sentido o processo de midiatização se relaciona com a cultura visual?; 2) Que questões dos estudos visuais interrogam a midiatização?; 3) Onde podemos ver articulações entre midiatização e estudos visuais?

Considerando o alerta epistemológico de Fausto Neto (2005, p. 22) para que, no debate sobre a midiatização, nos direcionemos “menos para construção dos diagnósticos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



---

e mais para a retomada dos sintomas como ‘programa de estudo’”, nossa proposta, articulada ao atual projeto em desenvolvimento, em docência e pesquisa, está na elaboração de um programa de estudos sobre estudos visuais críticos e midiatização.

### **Mediatização e cultura visual**

O conceito de midiatização surge em diversas disciplinas e países, como tem se tornado evidente a cada edição deste Seminário, constituindo distinguíveis matrizes teóricas – institucional, semioantropológica e socioconstrutivista. Embora cada uma dessas abordagens sinalize diferentes compreensões do fenômeno, todas sinalizam o potencial epistêmico para a configuração de uma chave de leitura sobre as mudanças sociais que vivenciamos na relação mídia/sociedade:

O conceito de midiatização surgiu nas últimas décadas do século 20 para questionar a crescente articulação entre processos midiáticos e sociais em suas transformações mútuas, constituindo uma chave de leitura sobre a sociedade contemporânea (Autor, 2021, p. 486).

Nesse sentido, é importante empreender a investigação sobre diferentes questões sociais sob o olhar da midiatização, especialmente no campo da Comunicação, dada as apostas de Sodré (2014) sobre uma ciência do comum que se ocupa da “redescri o do social” e de Braga (2008) sobre uma “disciplina indiciária”. Em todo caso, o debate epistemológico empreendido aponta para a necessidade de suspender os grandes diagnósticos, como Fausto Neto (2005) pontuava, e buscar indícios que qualifiquem o que seja uma sociedade atravessada e atravessando a midiatiza o.

Para aportar um debate um pouco mais específico, adotaremos o pensamento de Braga (2006a; 2006b; 2017) como fio condutor para apontar em que sentido o processo de midiatiza o se relaciona com a cultura visual, nossa primeira questão. Em seguidos estudo, o autor nos gu ia por uma compreensão não determinista: primeiro, teoriza um “sistema social de resposta” (Braga, 2006a) para mostrar como a sociedade enfrenta sua



---

mídia (portanto, não pode ser determinada por ela); depois, traz a clássica proposição da mediação como processo interacional de referência (Braga, 2006b), assim como, em outros momentos, outros modos interacionais se destacaram trazendo lógicas próprias; de modo que, em Braga (2017), o autor propõe uma teoria intermediária acerca das matrizes interacionais, por meio das quais a comunicação constrói a sociedade, compreendendo dispositivos e circuitos.

No campo da Comunicação, esse desenvolvimento teórico sobre a mediação revela a circulação como instância de produção de sentido que acompanha a complexificação sistêmica da sociedade em circuitos (não restritos às lógicas sistêmicas que acompanham os campos sociais), e que, não estacionando nos âmbitos da produção e da recepção, configuram um espaço que, existindo como intervalo, permite abordar a aceleração do tempo e desterritorialização do espaço no contexto das mídias digitais.

A este ponto, fica evidente a distância epistêmica que essa perspectiva traça com relação aos grandes diagnósticos. E isso nos permite lançar um olhar de estranhamento com relação aos diagnósticos rápidos sobre a “sociedade da imagem”. À pergunta “em que sentido o processo de mediação se relaciona com a cultura visual?”, gostaríamos de sugerir que a resposta precisa ser elaborada com outras questões: aquelas que vem dos estudos sobre a imagem para interrogar a mediação – de modo indiciário, participando do movimento epistêmico de redefinição do social.

### **Estudos visuais: práticas cotidianas de ver e mostrar**

Cada nova tecnologia trouxe sobre a imagem suspeitas e assombros. Com a mediação, ficou ainda mais fácil dizer que “vivemos em uma era predominantemente visual”, afirmação que encontramos refutada em Mitchell (2006, p. 7), que reforça categoricamente: “Não vivemos em uma era unicamente visual”.

No artigo que escreveu para uma conferência, em 2001, sobre o tema dos estudos visuais, o professor William Mitchell (2006) explica que “Estudos Visuais” é o nome do



---

campo que se ocupa da cultura visual como objeto. Para o autor, o objeto “cultura visual” pressupõe que a visão não é apenas uma forma natural de percepção, pois é construída culturalmente pelos dispositivos da arte, da tecnologia, da mídia e da sociedade. Constitui-se, portanto, um objeto bastante amplo:

O que, afinal de contas, se encaixa no domínio dos estudos visuais? Não somente a história da arte e a estética, mas imagens técnicas e científicas, filmes, televisão e meios digitais, como também reflexões filosóficas sobre a epistemologia da visão, estudos semióticos de imagem e signos visuais, a investigação psicanalítica do impulso visual, estudos fenomenológicos, fisiológicos e cognitivos do processo visual, estudos sociológicos sobre a exibição e o espectador, antropologia visual, ótica e visão animal, dentre tantas outras (Mitchell, 2006, p. 4)

Acontece com os “Estudos Visuais” o que já aconteceu com os “Estudos Culturais” quando afirmaram um lugar de não-disciplina e com a “Comunicação” quando constitui-se como uma disciplina que recorre frequentemente às interfaces com outros campos de conhecimento.

Mais que uma construção social sobre a cultura visual, Mitchell (2006) pede que olhemos para a *construção visual da sociedade*. Para isso, em seu texto, o autor lista alguns equívocos comuns sobre o lugar da imagem no pensamento social e propõe esclarecimentos em relação a eles. Vamos nos deter em três desses pontos para os fins do presente trabalho: a afirmação de que estamos na “era da imagem”, o foco exclusivo na ideia de “meios visuais” e a acusação de “mistificação” sobre as imagens.

Ao primeiro desses pontos, como já adiantamos, Mitchell (2006, p. 7) refuta que estejamos vivenciando uma era visual e afirma que “a cultura visual encoraja a reflexão sobre as distinções entre arte e não-arte, signos verbais e visuais e as proporções entre diferentes modos sensoriais e semióticos”. Desse modo, mais rico do que dizer que a midiatização é uma era marcada por imagens é investigarmos os múltiplos processos imagéticos que caracterizam nossas interações midiatizadas.



---

À ideia de meios visuais, o autor opõe a compreensão de que, cada vez mais, todos os meios de comunicação são híbridos em suas linguagens. Mesmo que haja predominância do visual em alguns deles, falar em “meios visuais” nos levaria a discutir os suportes visuais mais do que compreender a mediação em sua forma cotidiana.

A cultura visual não está limitada ao estudo das imagens ou dos meios, mas se estende às *práticas cotidianas de ver e mostrar*, especialmente aquelas que pretendemos imediatas ou não-mediadas. Está menos voltada ao significado das imagens que às suas vidas e desejos (Mitchell, 2006, p. 7, grifo nosso).

Assim como o autor nos faz passar da pergunta pelo significado da imagem para a questão sobre suas vidas e desejos, ele também nos propõe que os estudos visuais não produzem mistificações, mas abrem o campo para a crítica visual. Mas, que crítica é possível na mediação? Este é o ponto em que colocamos alguns desenvolvimentos que demarcam um programa de estudos sobre o tema.

### **Mediação da crítica visual?**

Considerando o acordo entre uma perspectiva da mediação que foca nas interações e no cotidiano (Braga, 2017) e a abordagem dos estudos visuais a partir das práticas cotidianas de ver e mostrar (Mitchell, 2006), é possível superar a ideia de mediação como sociedade da imagem, pois “as noções da visão como hegemônica ou não-hegemônica são simplesmente um instrumento muito fraco para que se possa dar conta da diferenciação histórica ou crítica” (Mitchell, 2006, p. 12).

Afinal, a ideia de uma sociedade da imagem desagrade tanto um lado quando outro da questão, vista “com horror pelos iconóforos e oponentes da cultura de massa, que o vêem como a causa do declínio literário, e com deleite pelos iconófilos que enxergam formas novas e elevadas de consciência a emergir da pleora de imagens e meios visuais” (Mitchell, 2006, p. 9).



---

Recentemente, a ideia de estudos visuais ganhou também o qualificativo de “críticos”. Para especificar e ir além do debate que colocamos no início do texto entre a confiscação das visualidades pelas lógicas do capital e as potencialidades narrativas que emergem na circulação de sentidos, proporemos que o conceito de circulação (Braga, 2017; Rosa, 2012 e 2019) aponta para um caminho produtivo que desenha uma forma de fazer “estudos visuais críticos”<sup>2</sup>.

Sem adentrar, por enquanto a uma definição mais precisa sobre o que sejam “estudos visuais críticos”, podemos sintetizar um ponto de partida, aquele em que Mitchell (2006, p. 8) conclama que “a tarefa social da cultura visual é exercer uma crítica sem o amparo do iconoclasmo”.

É neste sentido que sugerimos aqui o amparo do conceito de circulação – nem iconófilo, nem iconoclasta. Para o artigo final, pretendemos desenvolver a ideia de estudos visuais críticos e articulá-la a dois modos de pensar a circulação de sentidos na midiatização, o que adiantamos aqui nos estudos de Rosa (2012; 2019) sobre as imagentótipos e seu poder de fantasmagoria, que evidencia a construção visual de símbolos dos acontecimentos em circulação; e de nossos estudos (Autor, 2024; 2025) sobre dispositivos que qualificam uma iconicidade, exercendo a crítica visual por atores subalternos que conseguem uma emergência narrativa na midiatização, algo que será especificado no artigo completo.

## Referências

Autor. 2021.

Autor. 2024.

---

<sup>2</sup> Este termo foi utilizado pela pesquisadora Anelise De Cali em um curso que ofertou na Associação de Pesquisas e Práticas em Humanidades (APPH) em maio de 2024. A ementa do curso pode ser consultada em: <https://anelisedecarli.com/cursos/>



---

Autor. 2025.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006a.

\_\_\_\_\_. Mediatização como processo interacional de referência. **Animus**, vol. 5, n. 2, 2006b, p. 9-35.

\_\_\_\_\_. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, vol. 1, n. 2, 2008, p. 73-88.

\_\_\_\_\_. Matrizes interacionais. In: Braga, J. L., Calazans, R., Rabelo, L. et al. **Matrizes interacionais – A comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p. 15-84.

MITCHELL, William. Mostrar o ver: uma crítica à cultura visual. **Interin**, vol. 1, n. 1, 2006, p. 1-20.

MONDZAIN, Marie-José. **Confiscação das palavras, das imagens e do tempo**: por uma outra radicalidade. Belo Horizonte: Relicário, 2022.

ROSA, Ana Paula da. **Imagens-tótems**: a fixação de símbolos nos processos de mediatização. 2012. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3429>. Acesso em 22 mar. 2024.

\_\_\_\_\_. Imagens que pairam: a fantasmagoria das imagens em circulação. **Revista Famecos**, vol. 26, n. 2, 2019.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.